J. Romão da Silva
Do Instituto Brasileiro de Geografia
e
Do Instituto de Colonização Nacional

FOLHETO
Nº 003
DATA 20/11/02

A FAMÍLIA ETNO-LINGÜÍSTICA BORORO

PUBLICADO NO BOLETIM GEOGRÁFICO n.º 204 — ANO 27 — MAIO-JUNHO DE 1968

BIBLIOTECA ARTHUR REIS
MANAUS - AMAZONAS

FUNDAÇÃO IBGE
Instituto Brasileiro de Geografia
Rio de Janeiro
1968

FOLHETO
Nº 003
DATA 20133102

A Família Etno-Lingüística Bororo

I. O BATARU-BOE — Chamamos *bataru-boe* a língua falada pelos índios modernamente cognominados bororos (1), mas que a si mesmos se identificam por *boe* (2), expressão de sentido lato, porém no caso de acepção adjetiva, pela qual se distinguem êsses nativos da zona intertropical da América do Sul de outros indígenas não pertencentes aos seus clãs, ou tidos como inimigos, como aquêles a que chamam de *barégue* ou *marégue* (3) e *caiamodogue* (4), assim apelidados êstes últimos por serem traiçoeiros e vizinhos indesejáveis.

O têrmo aplica-se aqui, portanto, ao modo de falar inerente aos membros da tribo hoje quase dissoluta, mas que, unificada, constituiu outrora uma família lingüística homogênea e respeitável, talvez como supõe o general Jaguaribe de Matos uma das maiores do Brasil Central.

A origem dêsse idioma, como o da própria nação ameríndia a que êle corresponde, envolve questão ainda controvertida, dividindo-se as opiniões entre os pressupostos de derivar-se êle da *língua geral tupi-guarani*, sistematizada pelos jesuítas (5), e o de constituir-se num ramo lingüístico à parte, algo parecido com a língua dos já inexistentes *Otugue*, *Camorégue* e *Curuminaca*, com traços de influência *Gê* e *Umatina* na sua posterior estrutura morfológica (6). Créqui-Montfort e Rivet consideram-no um simples dialeto *Otugue* (7), ao passo que Venturelli e Albisetti pensam o contrário, ponderando ser "mais razoável subordinar-lhe o *Otugue* e outras línguas" (8). Segundo concepção dêstes últimos a família lingüística bororo compreenderia, além dos próprios *Umatina*, *Curuminaca* e *Otugue*, outros grupos dialetais com irradiações em território boliviano e já provàvelmente extintos. No esquema de ramificação da grande tribo, entrariam assim, também, os grupos *Covareca*, *Curubeca*, *Coravé*, *Curucaneca* e *Tapii*.

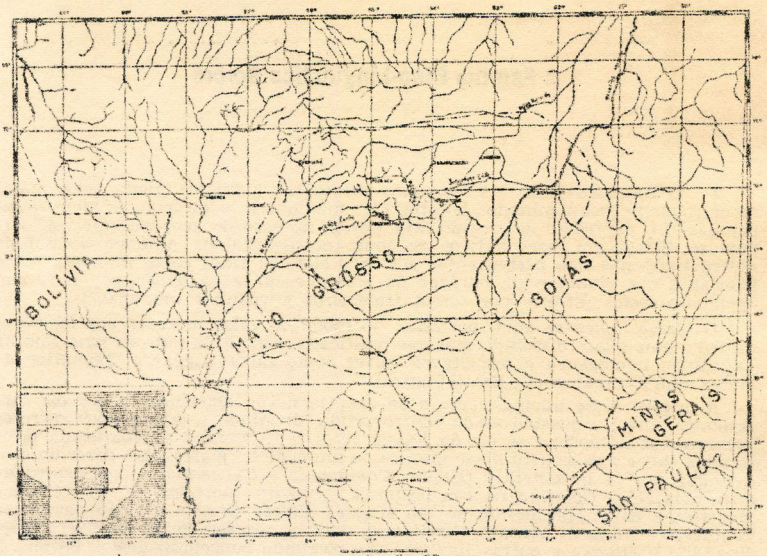
II. DOMÍNIO GEOGRÁFICO E PROCEDÊNCIA DA NAÇÃO LINGÜÍSTICA — Ao tempo da conquista bandeirante, o povo bárbaro que adotou êsse idioma ocupava, em tangente com os *Xavantes*, *Terênas*, *Nhambiquaras*, *Piaguás*, *Guaranis* e *Caiapós*, considerável porção do Centro-Oeste brasileiro, com fronteiras bem definidas, e domínio sôbre os vales e chapadas de Mato Grosso, parte de Goiás na atual região de Aragarças, e a bacia do curso superior do Paraguai, até a fronteira com a Bolívia, acima portanto do universo dos *Guanás*.

Grosso modo, êsse território que o general Frederico Augusto Rondon, muito apropriadamente, propôs se denomine *Boe-Moto* (9), abrangeria em período médio de expansão da tribo mais de 350 mil quilômetros quadrados, delimitados entre os paralelos de 14º—19º de latitude sul e 51º—58º de longitude oeste Greenwich.

Da procedência dessa nação pouco ou quase nada se sabe de positivo. Presume-se seja ela originária do Alto Rio Negro e do Orenoco, de onde teria descido através dos vales do mesmo Rio Negro, Amazonas, Madeira, Mamoré e Guaporé, estagiando durante o seu deslocamento entre os *Xapacuras* bolivianos, pelo que se infere tivesse mantido com êstes boas relações de amizade.

A época em que ocorreu o movimento migratório é ainda, e mais que o fato em si, hipotético. Antônio Tonelli, que em bem fundamentada tese (10) defendida em 1927 perante o V Congresso Geográfico da Itália, procurou dêsse modo determinar os antecedentes da tribo, não a indica. Nem nos parece tivesse elementos para fazê-lo, pois que os próprios índios disso não transmitiram aos pri-

meiros exploradores do *Boe-Moto* idéia siquer aproximada, mesmo na sua tradição oral, em que freqüentemente, e não raro com riqueza de detalhes, nos falam de legendários ancestrais e estranhos autóctones com os quais tiveram alianças sangüíneas, a exemplo de uns certos *Coregue* aos quais se referem numa das suas bonitas e curiosas *bacarue* (11).



A parte assinalada no mapa indica o território ocupado pelos bororos orientais no período de maior expansão do grupo etno-lingüístico em Mato Grosso e Goiás.

Se os *marigodueugue* (12) já eram assim negligentes em relação à memória do episódio, nada nos resta a esperar dos longínquos pósteres, na versão cada vez mais embaralhada dos fatos que a nós outros interessa sobretudo pelos subsídios que pudessem administrar à investigação histórica e científica.

Os padres Albisetti e Venturelli, missionários salesianos que vivem entre êles na região do Pogubo-Xeréu (13), em vão tentaram captar no seu repertório de contos fantásticos alguma coisa que conduzisse a uma explicação razoável. A conclusão a que chegaram os autores da *Enciclopédia Bororo* é a de que, nesse particular, a ignorância entre os catecúmenos é geral. Quando se lhes fazem indagações a respeito, a resposta aflora displiscente e invariável: *Pá-aru-du-cá*, isto é — "nos não sabemos" (14).

III. ÍNDOLE DO ÍNDIO BORORO — Pelo que ainda agora se pode observar, é característico dos *boe* a índole pacífica, ao que se junta uma extraordinária capacidade de assimilação. O que nêles se aponta como ferocidade, decorreu menos de uma natureza intrinsecamente celerada do que de uma necessidade instintiva de defesa e sobrevivência.

Steinen, que os conheceu em estado ainda bastante selvagem, é testemunho do seu comportamento de gente cordata e hospitaleira (15). Colbachini, observando-lhes a personalidade moral, chega mesmo a duvidar fôssem êles, mesmo em condições mais primitivas, agressivos e muito menos adotassem o hábito da antropofagia. Para o autor de *Catequese dos índios bororos nos sertões de Mato Grosso* as suas hostilidades aos *barae* (16) refletem uma conseqüência lógica "do

clima de represálias e vinganças às violências de que fôram vítimas por parte dos próprios civilizados" (17). Conforme observou Baldus, o *mori* (18), que êles aplicam entre si mesmos, é assim uma espécie de princípio de talião, conhecido na lei tradicional da tribo e transmitida de avós para pais e de pais a filhos (19).

Outra balela que se tem procurado anular em relação a êsses índios, é a da sua indolência e pouca inteligência. É isso indiscutivelmente negado pelas permanentes atividades a que se entregam como caçadores e pescadores, nos exaustivos ciclos de cerimoniais fúnebres, e pelo espírito inventivo patenteado na confecção dos seus artefatos e indumentárias, na tecetura e floreio dos seus apólogos.

Notam-se ainda como indício da boa índole dos índios bororos a sociabilidade. Naturalmente acanhados ao primeiro contacto com o civilizado, tão logo se lhes conquista a confiança tornam-se expansivos, alegres, palradores e prestimosos.

IV. ESPÍRITO GUERREIRO — Não obstante êsse feitio temperamental, revelaram-se os bororos resistentes na luta que o meio natural lhes impõe e guerreiros destemidos, conforme demonstraram nos conflitos que até bem pouco tiveram com tribos hostis e os próprios brancos invasores dos seus anteriores domínios.

Na sua crônica documentada, assinalam-se, entre outros, os embates de 1732-1734, quando guiados pelo bandeirante Antônio Pires de Campos, e em comum com um troço de *tabaégue* (20), enfrentaram com denôdo os refratários *Piaguás* do Grão Pará e os *Caiapós* das cabeceiras do Araguaia que, como antes êles próprios, dificultavam as comunicações terrestres e fluviais entre o setentrião e o sul do País.

Os gentios do contingente bororo, tão hàbilmente utilizados pelo valoroso *barae-imejera* (21) para rechaçar os que lhe estouvavam o roteiro dos sertões, deixou-os êste, por volta de 1744, aldeados, na confluência do rio das Velhas com o seu afluente hoje denominado Araguari, e antes conhecido como rio das Pedras.

Sabe-se, por intermédio de Milliet-de-Saint-Adolph, em quem colheu notas Carvalho de Sá, (22), biógrafo do afamado sertanista do século XVIII, que parte dêsses índios fôram levados mais tarde para o norte da Ilha do Bananal, de onde alguns se bandearam a engrossar o grupo de *Canoeiros* do Tocantins.

Casteineau, que antes de Saint-Hilaire e von den Steinen, indagou acêrca dêles nesses locais, declara que em 1811 deviam ser ainda bastante numerosos (23). Porém já em 1819, consoante indicações do autor de *Viagem às nascentes do rio São Francisco e pela provincia de Goiás* (24), não havia ali senão uns poucos de "raça pura". O mesmo constataria o naturalista de *Unter den Naturvölken Zentral-Brasiliens*, nesta obra originàriamente divulgada na Alemanha em 1894 (25).

Com os *Xavantes* particularmente, seus inimigos históricos e irreconciliáveis, as rixas antigas e difíceis de debelar, recrudesceram durante mais largo tempo. E já em nossos dias, quando se tenta acomodá-los em convivência comum sob o protetorado religioso e leigo, testemunharam-se atritos de certa gravidade, nos quais se patentearam os métodos *reicheanos* dos belicosos e desleais *apaiés* (26).

As hostilidades dos xavantes que antes partiam de grupos maciços no recesso das matas, tornaram-se últimamente prática rotineira em caráter de alcatéia, agressões pessoais e ataques isolados por reduzidos piquêtes às pacíficas aldeias *boégue* do vale do São Lourenço.

Do prontuário dos catequistas católicos insulados na região do *Pogubo-Xeréu*, colhemos, e aqui reproduzimos, a título de ilustração, os seguintes dados de referência ao acampamento de *Caiamore*, situado nas proximidades de *Meruri*:

1908 — xavantes mataram duas mulheres bororos.

1910 — xavantes mataram um homem e uma mulher bororos

1912 — xavantes mataram um índio bororo

1914 — xavantes lutaram, sem conseqüência de vítima, com dois homens e duas mulheres bororos

1915 — xavantes atacaram dois homens bororos, morrendo um dos agressores

1919 — xavantes mataram dois bororos, e perseguidos foram mortos alguns dêles

1927 — quinze xavantes travaram luta corporal com sete bororos, sem conseqüência de vítimas

1934 — vários xavantes atacaram os bororos, matando um civilizado e uma mulher índia.

1935 — xavantes atacaram os bororos matando um adolescente civilizado.

V. DIVISÃO DA TRIBO — Modernamente a nação bororo se bifurcou em dois importantes grupos, assim especificados:

1. BOROROS OCIDENTAIS

2. BOROROS ORIENTAIS

Os primeiros, em menor número, e já pràticamente extintos, mantiveram-se isolados a oeste do curso superior do rio Paraguai. Subdividiam-se em *Cabaçais* e *Campanhas* — aquêles confinados nas margens do rio que lhes empresta o nome (Cabaçal); êstes aldeados na margem direita do mesmo alto Paraguai, mais ou menos a 100 km da cidade de São Luís de Cáceres.

Os Segundos (Orientais), bem mais numerosas, e em condições ecológicas mais favoráveis, compreendendo o grosso dos *Coroados*, e infra-divididos em subgrupos, denominados segundo os hábitos e locais preferidos para habitação. Chamaram-se assim:

— *Bócu-Mogorégue*, os que preferiram os cerrados a leste de Cuiabá;
— *Itura-Mogorégue*, os que se embrenharam nas florestas da bacia do alto São Lourenço;
— *Orári-Mogorégue*, os que se fixaram nas plagas do rio do Peixe Pintado, à direita do médio rio das Garças;
— *Tóri-Ocúa-Mogorégue*, os que se estabeleceram nas montanhas da região da serra de São Jerônimo.

Além dêsses subgrupos, consideram-se também aderentes dos orientais os que formaram o pequeno núcleo dos *Utugue-Curiréu* (Flechas Grandes), supostamente derivados do subclã dos *Apiborégue-Xebeguiúgue*, e que se estabeleceram ao sul dos demais na zona de influência do médio Taquari, ou mais precisamente, nas margens do córrego *Codo-Mogo*, nome pelo qual eram aquêles também conhecidos.

Diga-se, de passagem, que êstes últimos, embora adotando a língua geralmente falada pelos bororos, tinham entre si modalidades dialetais irrelevantes não conhecidas no idioma comum.

Com referência aos *Bócu-Mogorégue*, também conhecidos por *Bócu-Mogodogue*, sabe-se que em tempos idos chegaram a ultrapassar a oriente o famoso *Oraribo-Curiréu*, denominação que no seu modo de falar davam ao rio atualmente chamado Araguaia.

Quanto ao nome *Orári-Mogorégue* (Moradores do rio dos Piáus), convém observar que se aplicado anteriormente apenas aos índios do *Oraribo* (27), inclinou-se à generalização para etnônimo de todos os subgrupos do Oriente, no que talvez esteja explícita a importância e conseqüente ascendência dessa facção dos *Coroados* sôbre o restante da falange a que pertence.

De um modo geral, e ao contrário dos seus iguais da banda ocidental, os bororos orientais, mantiveram-se unidos e em contínuo contato de relações entre si, tornando-se mesmo corriqueiro a passagem temporária ou definitiva de um para outro grupo, havendo mesmo interpolação de clãs e subclãs inteiras em outras.

Outro fato que os diferencia dos ocidentais, é o de terem conservado sobremodo inalteráveis os seus usos, costumes, organização social, e principalmente a língua, pelo que consideramos mais legìtimamente dêles o idioma que aqui denominamos *Bararu-Boe*, ou seja analògicamente traduzido — "língua dos índios bororos".

VI. DIVISÃO EXÓGAMA, CLÃS E SUBCLÃS — Conforme *bacaru* corrente entre os *Coroados*, os *boe* formaram primeiramente uma única aldeia perto da foz do rio *Tadarumana* (Prata), a esquerda do Pogubo, e só depois de consolidada a tribo consentiu o chefe *Acurúio-Bocodóri*, que ali os reunlu, a separação dos seus membros nos já mencionados grupos.

O primitivo *boróro* (aldeia), cujo fundador von den Steinen parece confundir com o do chefe *Arigau*, constituiu-se em duas partes exógamos compreendendo cada uma quatro clãs principais, por sua vez subdivididos em grupamentos menores (subclãs), assim subentendidos:

PARTES EXÓGAMAS

	CLÃS-PRINCIPAIS	SUBCLÃS
Exerae	Baado-Jebague-Xebeguiúgue	Xebeguiúgue-xobuguiúgue Xebeguiúgue-xebeguiúgue Xebeguiúgue-Boe-E-iadadaguiúgue
	Baado-Jebague-Xobuguiúgue	Xobuguiúgue-xobuguiúgue Xobuguiúgue-xebeguiúgue Xobuguiúgue-Boe-E-iadadaúgue
	Bocodóri-Exerae	Exerae-xobuguiúgue Exerae-xebeguiúgue Exerae-Boe-E-iadadaúgue
	Quiê	Quiê-xobuguiúgue Quiê-xebeguiúgue Quiê-Boe-E-iadadaúgue
Tugaregue	Apiboregue	Apiboregue-xobuguiúgue Apiboregue-xebeguiúgue Apiboregue-Boe-E-iadadaúgue
	Aroroe	Aroroe-xobuguiúgue Aroroe-xebeguiúgue Aroroe-Boe-E-iadadaúgue
	Iuagudogue	Iuagudogue-xobuguiúgue Iuagudogue-xebeguiúgue Iuagudogue-Boe-E-iadadaúgue
	Paivoe	Paivoe-xobuguiúgue Paivoe-xebeguiúgue Paivoe-Boe-E-iadadaúgue

Os *Baado-Jebague*, metade exógama dos *Exerae*, bipartiam-se em dois clãs de nomes análogos, mas distintos entre si, embora, por direito de tradição, com privilégios iguais. Ocupavam a parte setentrional do *boróro*, em paralelo com os extintos *Paivoe-Xebeguiúgue*, e era privativo dêles fornecer os chefes à tribo, aos quais competia, entre outras, as atribuições, de escolher os sítios onde deviam ser edificadas as aldeias.

VII. TOTEMISMO — Tanto os clãs principais como os subclãs, tinham os seus *Aroe* (tótens) particulares ou seres primaciais. Êsses tótens, que segundo a tradição interferem nos seus destinos, e às vêzes emprestam nomes às aldeias, são representados por seres sobrenaturais, objetos celestes, animais silvestres e aquáticos, feras, aves, vegetais, frutas e elementos outros, inclusive pessoas humanas, como é o caso dos missionários salesianos sôbre os quais adquiriram direitos de propriedade os *Meriri-Ocúodo*, após disputa renhida com os *Bócu-Bogorégue*, que queriam eliminá-los sumàriamente.

Segundo essa simbologia, conhecem-se entre os bororos vários labretes e epinônimos, pelos quais se torna fácil a identificação dos indivíduos da tribo, segundo a origem familiar e a filiação grupal.

Dos clãs maiores destacam-se os seguintes principais *Aroe* (tótens):

BAADO-JEBAGUE-XOBUGUIÚGUE	— *adugo*, jaguar
	— *buque-imoriréu*, barba-de-bode, vard. de gramínea
	— *pogobo*, vard. de curbiácea silvestre
BAADO-JEBAGUE-XEBEGUIÚGUE	— *eup*, cascavel
	— *ixe*, jibóia
	— *póbu*, pacu
	— *pogobo*, vard. de jibóia
BOCODÓRI-EXERAE	— *bocodóri*, tatu-canastra
	— *ocogue*, dourados (peixes)
	— *xibae*, araracanga
QUIÉ	— *jure*, acuri
	— *qui*, anta
	— *porobo*, vard. de lobinho
	— *juco*, macaco
	— *pai*, búgio
APIBORÉGUE	— *apido*, acuri
	— *curugugúa*, gavião caracará
AROROE	— *aróru*, piraputanga
	— *iúagudo*, gralha
	— *caraúbe*, aves dos pantanais.

Quanto aos subclãs, conhecem-se entre outros, os seguintes seres primacias e etnônimos privativos:

DA METADE DOS EXERAE

Subclãs	*Seres primaciais*
Baado-Jebague-Xebeguiúgue	— *Atubo*, veado-galheiro
	— *Baxe-Cogúio*, tuiuiú
	— *Bocúado*, jatobá
	— *Bope*, espírito
	— *Buiógo*, piranha
	— *Butau-dogue*, vard. de pássaro
	— *Ereguejeje*, vard. de pica-pau
	— *Cadumo*, vard. de martim-pescador
	— *Caibóri*, mão-de-pilão
	— *Corau*, papagaio-real
	— *Curegue*, vard. de ave
	— *Maereboe*, espíritos
	— *Mea*, tabaco
	— *Méri*, espírito, tiê-fogo
	— *Monoco*, narceja
	— *Muiau-bóri*, cera-de-abelha
	— *Monogóto-bigodureu*, vard. de urucum
	— *O-xereu*, socó-escuro
	— *Parigogo*, jacu
	— *Póbu*, vard. de pacu
	— *Queacorogo*, araçá
	— *Réa*, tatueté
	— *Uúai*, jacaré
Baado-Jebague-Xobuguiúgue	— *Adugo*, jaguar
	— *Apido-curiréu*, acuri adulto
	— *Ári*, espírito

— *Aribu-ecuréu*, apara-pedra
— *Itubore*, herói lendário
— *Ituraûore*, tatu da floresta
— *Iûro*, bebida de acuri
— *Ocogue-Jerigüi-are*, vard. de dourado (peixe)
— *O-cuîa-guréu*, socó-vermelho
— *Ocûaru*, tatu-peba
— *Tobó*, espírito

Bocudóri-Exerae

— *Aquigu*, algodão
— *Aógûa*, tico-tico-rei
— *Barae*, homem civilizado
— *Burûare*, vard. de pássaro
— *Bataro*, João-Pinto (ave)
— *Boaro*, vard. de brinco
— *Bocodóri*, tatu-canastra
— *Ica*, instrumento musical
— *Cadogare*, vard. de martim-pescador
— *Coi*, vard. de cinto e colar
— *Coeréu*, vard. de dourado (peixe)
— *Roûo*, canudo de taquara (para sorver vinho)
— *Xibae-E-iári*, topônimo orográfico
— *Xinadatau*, cancã

Quiê

— *Aigo*, puma
— *Aipoburéu*, jaguatirica
— *Amo*, tipiiti
— *Apodo*, tucanuçu
— *Ápu*, paca
— *Bapo*, maracá
— *Baxieje*, guaçutinga-macho
— *Bocodóri-xoréu*, vard. de tatu-canastra
— *Báia*, pilão
— *Cudoro*, ararúna
— *Cúo*, jaó
— *Ocogûe-xeréu*, vard. de dourado (peixe)
— *Pari*, ema
— *Pobogo*, guaçuetê
— *Qui*, anta
— *Tuiótorogo*, vard. de pássaro

DA METADE DOS TUGARÉGUE:

Apiborégue

— *Acurara*, pacu-peba
— *Aroexeba*, gavião-real
— *Átu*, concha
— *Aturebo*, conchinha
— *Bácu*, abanico, ventarola
— *Baxe*, garça
— *Beo*, seriema
— *Curugugûa*, gavião-caracaraí
— *Icuiemono*, espírito
— *Icuiéri*, topônimo orográfico
— *Iparéri*, topônimo orográfico
— *Toroá*, vard. de gavião
— *Tubore*, lambari
— *Xigüi*, aracaripoca

Aroroe

— *Aije*, zunidor de madeira, usado na patomima de igual nome
— *Aroro*, vard. de larva

— *Bacororo*, herói lendário
— *Bacuguma*, gavião-requinta
— *Batagaje*, biguá
— *Boxe-iuói*, vard. de tiliácea da floresta
— *Boro*, pequeno caracol
— *Cudugui*, vard. de macaco
— *Ierarai*, guaxinim
— *Iparere*, vard. de entrecasca
— *Ipie*, ariranha
— *Ipoxeréu*, irará
— *Jomo*, vard. de lontra
— *Jugo*, queixada
— *Jui*, Caititu
— *Mano*, caetetê, ralador de mandioca; vard. de gavião
— *Marugóri*, topônimo orográfico
— *Meridabo*, furão
— *Meriri-ecuréu*, metal amarelo, ouro
— *Metugue*, pomba silvestre
— *Moribo*, cão silvestre
— *Mobure*, ararapiranga

Tûagudu-Dogue

— *Aere*, arutau
— *Apido-cuguriréu*, acuri tenro
— *Aráru*, piraputanga
— *Aría*, panelão de barro
— *Arigau*, cachorro doméstico
— *Aróia*, espírito
— *Barogu-ó*, goivo de incisivo de capivara
— *Berágu*, pêz vegetal
— *Beto*, esteira
— *Butore*, chocalho de unhas de porco
— *Carau*, vard. de ave das lagoas
— *Cuje*, mutum
— *Cujíbo*, vard. de cardeal
— *Eru*, fogo
— *Iacomea*, adôrno peitoral
— *Iùagudo*, gralha azul
— *Jarudo*, vard. de bagre
— *Marido*, palmeira de buriti
— *Mixigu*, cestinha
— *Mixoré*, cipo-imbé
— *Oquiña*, capivara
— *Piadudu*, beija-flôr
— *Piroje*, vard. de andorinha
— *Poburéu*, urubu
— *Pogoriño*, vard. de andorinha
— *Póri*, pote de barro
— *Queágu*, gavião-fumaça castanho
— *Quido*, periquito
— *Quidoréu*, sanhaço
— *Roñodo*, tijelão de barro
— *Tugo*, flecha
— *Xeje*, gavião-fumaça prêto
— *Xiûaji*, urubu-caçador

Paivoe

— *Apogo*, tamanduá-mirim
— *Ato*, jabuti, cágado
— *Aturuári*, morro colossal
— *Buque*, tamanduá-bandeira
— *Bututóri*, topônimo orográfico
— *Cuiréu*, cuiú-cuiú

— *Cuco*, vard. de macaco
— *Cúgu*, gavião-quirigüiri; vard. de coruja
— *Cuiada*, milho
— *Cuno*, papagaio-campeiro
— *Curitagaro*, papagaio-corneteiro
— *Ive*, ouriço-cacheiro
— *Jerigugüi*, pequeno cágado
— *Juiréu*, cuiú-cuiú
— *Macau*, macanã
— *Mea*, cutia, fumo
— *Meriri-guigaduréu*, metal branco, prata
— *Moaréu*, vard. de bagre
— *Orári*, pintado (peixe)
— *Orarije*, vard. de surubim
— *Ore*, jandaia
— *Póru*, jaú
— *Rie*, guará
— *Ru*, sapo
— *Ruréu*, semelhante ao sapo; palmito
— *Tagae*, tachã

De alguns dêsses nomes-símbolos provieram denominações de *baagudu-guro* (aldeias) e epítetos de chefes índios notáveis, como, por exemplo: *Bocodóri-Exerae* (Grande Tatu-Canastra), *Arigau* (o Cachorro), *Qui-Xeréu* (Anta-Preta) — e muitos outros dos quais os *boe* nos dão notícias nos seus apólogos, falando dêles com admiração e enlêvo.

O achado do *Aroe* ou objeto-símbolo transformado em talismã do grupo, pertence, por efeito do *móri* (lei de recompensa), a quem o avistou ou o tivesse primeiro. Por isso, talvez, são os subclãs dos *Bocodóri-Exerae* e dos *Araroe* os mais ricos em coleções de tótens.

VIII. SOMATOLIOGIA DOS ÍNDIOS BORORÓS — Em seu famoso livro *Rondônia* (28), publicado em 1938, Roquette-Pinto garante serem os bororós os índios de maior estatura física até então conhecidos no intertrópico brasileiro.

Há quem afirme o contrário, transferindo essa primazia para os *xavantes* e os *calapalos*. A verdade, porém, é que são êles propensos a grande desenvolvimento e robustez. Nos homens, em idade adulta, notam-se altura média de 1m60 a 1m90, e nas mulheres, geralmente mais baixas e de formas algo graciosas, com tendência a obesidade, o primeiro dêsses gabaritos. A côr natural dêsses aborígines, condicionada pelas condições meso-climáticas e característica dos selvagens sulamericanos, é bronzeada, variando entre o que êles chamam *biri-xeréu* (pele escura) e *biri-quigado* (pele clara). Os *imedugue*, (29) quase desprovidos de barba, sobrancelhas, cílios e pêlos por outras partes do corpo, têm todavia, como as *aredugue* (30), cabelos lisos e abundantes, trazendo-os sempre bem tratados. Pelo aspecto fisionômico são tipicamente mongolóides. Quanto ao plasma sangüíneo parece predominar nêles o da classe O, que foi o determinado por Ottensooser, Pasqualini, Venturelli e Albisetti, em 149 *coroados* selecionados para teste em grupos de 30 e 119, nos anos de 1949 e 1954, respectivamente.

Não obstante, distinguem-se entre êles dois tipos somàticamente diferenciados: um de aspecto mais refinado, com nariz longo e afilado, lábios delgados, lineamento geral mais suave; outro de traços menos suaves, com nariz achatado, lábios grossos, mandíbulas proeminentes, portanto tipològicamente para-negróides. Por essa simples dualidade de caracteres físicos, pode-se inferir do enrustimento na tribo de elementos heterogêneos, aliás claramente confirmada na lenda do *Jerigüi-Otujivu-Ro*, em que se contam as façanhas do legendário *Bocodóri-Exerae*, antepassado e chefe do subclã *Baado-Jebague-Xobuguiúgue* e primeiro em ordem de dignidade de tôda a aldeia.

É êsse, sem dúvida, um detalhe interessante, no qual poderá se apoiar a antropologia, e particularmente a biologia diferencial para perquirir sôbre a evolução etnogenealógica do povo bororó.

IX. ESTADO ATUAL DA FALANGE BORORO — Hoje, decorridos quase cem anos do efetivo reconhecimento do Oeste pelos *barae*, e da ação pacificadora de Rondon, ocorrida durante o último quartel do século XIX, o ambiente natural da nação bororo é conquistado pela civilização. E o que representou uma significativa família lingüística, se reduz a uns poucos indivíduos, formando grupamentos esparsos em processo de desagregação e aculturação no pouco que lhes resta do território de que outrora se assenhoreavam.

Dêsses grupamentos os que mais resistiram à ação desagregadora a que por motivos óbvios, se vêem compelidos pela inexorável expansão urbana, são aquêles que se abuletaram nos *boe-mugue* (31) dos planaltos sedimentares mato-grossenses (Alcantilados), vale e altiplanos do rio das Mortes. E dentre êstes, muito especialmente, os *coroados*, que preferindo levar vida autônoma, fora do contrôle direto dos civilizados, demoraram-se no *Pobore-Boróro* (32) que se distendia à margem esquerda do rio Vermelho, não muito distante de Rondonópolis, dedicados à pesca e à confecção de artefatos já de relativo valor artístico e etnográfico, por êles mesmos comerciados juntamente com o pescado nos centros urbanos próximos. Em 1934 o padre César Albisetti recenseou nesse aglomerado 140 aborígenes, porém ali voltando em 1953 constatou a presença de apenas trinta miseráveis índios do sexo masculino, mal alojados e pervertidos pelo vício da embriaguez alcoólica que se tornou, malgrado a política integracionista oficial, um dos fatôres de degenerescência e mais rápido aniqüilamento da sua raça.

Dos Bororos do grupo ocidental podemos dizer ainda o seguinte: desde a bifurcação da tribo, perderam por completo o contato com seus irmãos orientais, mas a sua língua, e possìvelmente os seus usos e costumes, embora alterados, conservaram os traços de uma origem comum (33). Finalmente, o menor número em que se constituíam, o fator ambiente e a tendência para a miscigenação, explicam a maior rapidez no seu desaparecimento como coletividade e no que possuíam de características étnicas e culturais.

No que concerne particularmente aos *Cabaçais*, tudo leva a crer não exista mais um siquer de estirpe pura.

Relativamente aos *Campanha*, pode-se todavia afirmar que, embora sujeitos aos mesmos impactos, ainda subsistem em número razoável, pôsto que não totalmente incólumes do processo de aculturação. O general Frederico Augusto Rondon, que os visitou em 1936 nos seus *baa-gudo* (34) da margem direita do alto Paraguai, estimava-os àquela data em três ou quatro centenas, incluindo os já caldeados e socialmente assimilados aos civilizados. Dos outros, os *Cabaçais*, diz o autor de *Na Rondônia Ocidental* não ter "obtido notícias dêles nos campos de Caiçara" (35) onde esperava encontrá-los.

Nos últimos tempos contavam-se em número de quarenta os *Boróros* (aldeias) mais conhecidos do antigo *Boe-Moto*. Eram êsses os seguintes:

Aijéri — nas margens do curso superior do rio da Prata.

Acogo-i — nas margens do córrego do mesmo nome, na bacia do rio Ipiebaga.

Amemári — ao sopé do morro de idêntico nome, próximo às nascentes do rio Tadariumana.

Apibo — nas margens do curso inferior do rio Vermelho.

Ararebo — nas margens do córrego do mesmo nome, afluente do rio Cujibo.

Ararubo — nas margens do córrego de igual nome, afluente do rio São Lourenço.

Arigau — na foz do rio da Prata.

Aroejári — nas margens do rio Vermelho ou Pogubo.

Arua — nas margens do curso superior do rio São Lourenço.

Boe-iári — nas nascentes do rio São Lourenço.

Barubo — nas imediações de Cuiabá, às margens da lagoa de igual nome.

Beragúri — ao sopé da colina de igual nome, mais ou menos a 30 km a sudoeste de Poxoréu.

Cãogubo — no cerrado a leste de Cuiabá, às margens do rio homônimo.

Camarári — ao sopé do morro de nome idêntico, nas nascentes do rio da Prata.

Cói — na foz do ribeiro Areia ou Floriano, afluente do curso médio do rio Vermelho.

Coregüegue-Pobo — nas margens do córrego de igual nome, afluente do curso superior do rio São Lourenço, a jusante do Córrego Grande.

Cugarubo — nas margens do córrego homônimo, afluente do rio Cuiabá.

Cujibo — nas margens do ribeiro de igual nome, afluente do lado esquerdo do rio Cuiabá.

Exera — nas margens do rio Vermelho, a jusante de Jurudóri-Boróro.

Eme-iau-Páru — nas margens do curso inferior do rio São Lourenço.

Inodúri — ao sopé do morro de igual nome nas imediações de Guiratinga.

Jaridóri — perto do morro de nome idêntico, entre Poxoréu e Rondonópolis.

Jerigüi-Páru — na foz do córrego Jerigüi, a jusante de Rondonópolis.

Jure — nas margens do rio Vermelho, perto de Jurudóri-Boróro.

Monadóri — ao sopé do morro dêste nome, no curso inferior do rio São Lourenço.

Meriríbo — perto do córrego homônimo, nas proximidades de Cuiabá.

Méru — às margens do ribeiro Porubo Aidijau, nas proximidades da foz do rio Porúbi.

Merúri — correspondente à colônia salesiana Sagrado Coração na margem direita do córrego Barreiro.

Maburéri — perto do morro de igual nome, a 45 km ao sul de Poxoréu.

Moaiabo — perto do alagadiço conhecido por êste nome, nas margens do rio Vermelho.

Ocogüebo — nos arredores de Cuiabá.

Ocogüe-iau-Páru — na foz do ribeiro de igual nome, afluente da margem esquerda do médio São Lourenço.

Pobo-Jári — perto da foz do ribeiro Porúbi, afluente da margem esquerda do curso superior do Poxoréu.

Pobore — na margem esquerda do rio Vermelho, pouco a montante de Rondonópolis.

Pogubo — nas margens do curso superior do rio São Lourenço.

Poróji — nas margens do rio Vermelho, a jusante de Rondonópolis.

Quejári — entre os morros da série de igual nome, à margem direita do rio Vermelho, 20 km a jusante de Rondonópolis.

Quiegüeri — ao sopé do morro das Araras, nas nascentes do ribeiro Noidóri, afluente da margem direita do rio das Mortes.

Quiegóri — ao sopé da montanha de igual nome, no curso superior do rio São Lourenço.

Rocói — perto da foz do córrego homônimo, afluente da margem esquerda do curso médio do rio das Garças.

Tadarumana-Páru — na foz do rio Tadarumana, afluente da margem esquerda do rio Vermelho.

Toroári — ao sopé do morro Santo Antônio, nas proximidades de Cuiabá.

Tubore, nas proximidades da cachoeira de Porúbi, no ribeiro Porúbi-Aid'jau.

Tuboréri — nas margens do córrego de igual nome, afluente do rio Cuiabá.

Tugo-Páru — na foz do rio Tugo, afluente do curso inferior do São Lourenço.

Xibaíbo — ao sopé do morro de igual nome, nas nascentes do rio Araguaia.

Xiüabóri — ao sopé do morro homônimo, nas nascentes do rio Araguaia.

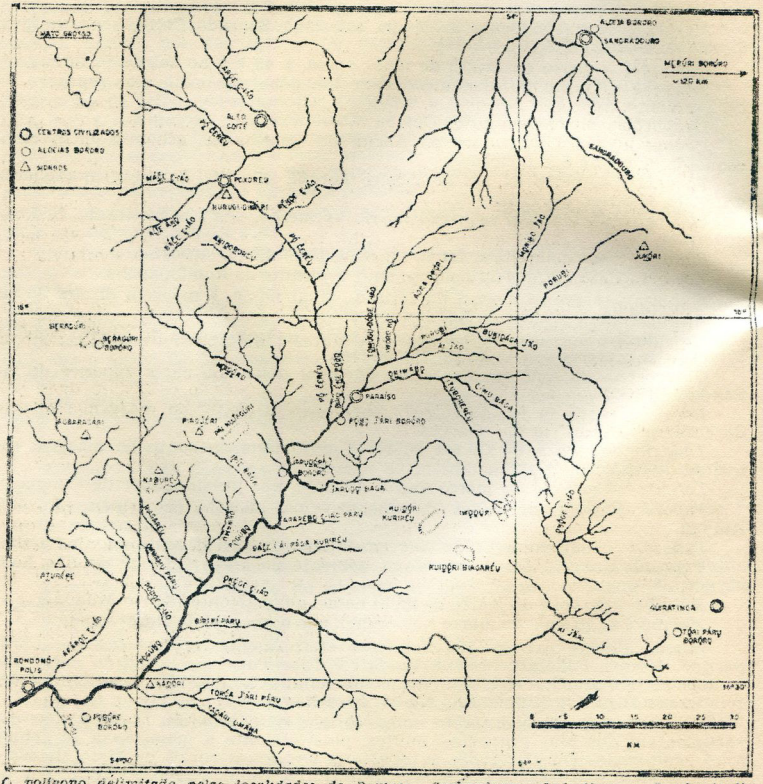
Dessas aldeias existem no momento, efetivamente, apenas seis — (*Coregüegue, Merúri, Pobojári, Pobore, Quejari* e *Tugo-Páru*) — sendo de notar que os aborígines que nelas viviam e não se submeteram ao contrôle das organizações religiosas e leigas, se dispersaram em bandos itinerantes.

Dêsses que se entregaram ao nomadismo, e não tardaram também a se desarticularem dos seus grupelhos, muitos, possivelmente a maioria, já se acham semi-aculturados em atividades agropastoris nas zonas rurais de Mato Grosso e Goiás, quando não fixados nos burgos de Poxoréu, Rondonópolis e Guiratinga, ou integrados na vida trepidante dos centros urbanos de Cuiabá e Campo Grande.

Dos membros da velha tribo ainda assim sobreviventes, todavia, uma parte se encontra sob regime de tutela do govêrno federal, por intermédio do antigo Serviço de Proteção aos Índios (atual, Fundação Nacional do Índio) nas zonas do alto e baixo São Lourenço, e outro tanto, talvez melhor orientado, assistido pelas missões salesianas nas colônias de Meruri, Sangradouro e São Marcos, localizadas no planalto de leste da capital mato-grossense, entre os *Pobore-Boróro* da primeira, disseminados pelos vales do antigo *Pogubo-Xeréu* e rio das Garças, aonde também já se acomodam no meio dêles alguns *apaiés* pacificados.

O *polígono* centralizado pelo eixo hidrográfico Pogubo-Porúri, constitui, em última análise, tudo o que ainda resta do antigo e dilatado ambiente natural do povo bororo.

Incluindo os catecúmenos e outros aí submetidos ao *processo de integração* na comunidade nacional e que aqui classificamos como em estado *seminativo* ou de *semi-aculturação*, pode-se estimar em cêrca de 2 mil o número de índios bororos ainda existentes no Centro-Oeste.



O polígono delimitado pelas localidades de Pozoreu, Sangradouro, Guiratinga e Rondonópolis, na região do Pogubo, constitui o atual ambiente natural dos bororos orientais.

Em que pese o otimismo do general Frederico Rondon, quanto a uma perspectiva de aumento demográfico nas aldeias do *polígono*, em face da progressão dos índices da estatística vital, é êsse um saldo evidentemente bem modesto em relação ao conjunto da população aborígine do País e ao contingente da região, que os especialistas, também otimistas, avaliam em 99.700 e 12.000, respectivamente, considerados para cálculos de referência a Mato Grosso e Goiás além dos próprios bororos, os guaranis, terênos e outros de tribos não especificadas, distribuídos por 79 grupos principais.

É natural que as sociedades rudimentares, por sedução ou imperativos outros, acabem por curvar-se às culturalmente mais evoluídas. Isso sucede com todos os povos primitivos, e pelo mesmo determinismo histórico, está acontecendo com a família etno-lingüística dos *boe*. Em que pêse, porém, o seu engajamento na civilização que os espurga do seu primitivo *habitat*, alguma coisa dêles sobreviverá na evolução miscigenética, e mesmo cultural, da sociedade intelectualmente superior em que, paulatina, e já consentidamente, vêm êles se integrando.

NOTAS ELUCIDATIVAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. *Bororo*, que muitos errôneamente pronunciam *boróro* e *bororó* não era etnônimo da tribo, e só modernamente por conseqüência de um equívoco dos exploradores do *Boe-Moto*, passou a ser aplicado como tal. Conforme acepção original, é nome pelo qual os *boe* denominam as suas aldeias, o terreiro de danças, suas reuniões e locais onde elas se realizam. Etimològicamente, a palavra corresponde ao que os tupis-guaranis chamam *taba, ocara, ajuri* ou *ajuricaba*. As formas *boróro* e *bororó* são variantes enfáticas usadas principalmente nos cânticos e em palavras compostas em que se aglutinam.

2. *Boe*, substantivo invariável em grau, é ótimo da mais ampla aplicação entre os índios ditos bororos. Designa fatos e coisas reais e irreais, dizendo-se comumente do tempo e condições atmosféricas. Segundo essa conexão, é o que os tupis-guaranis traduzem por *bae, mae* ou *mbaé*. Como expressão particularizante dos indivíduos da tribo bororo, tem significado idêntico ao *aba* ou *aua* dos mesmos tupis-guaranis, e se tornou corrente sobretudo entre os bororos orientais (coroados).

3. *Baregue* e *maregue*, plural de *barego, marego*, são alofones do mesmo fonema. No sentido estrito significa "feras", em alusão aos animais silvestres. É epíteto ofensivo aplicado pelos *boe* em relação aos membros de outras tribos por êles considerados inferiores.

4. *Caiamodogue*, plural de *caiamo*, significa inimigos, e é apelido dado pelos bororos às tribos que lhes são hostis, e muito particularmente aos xavantes com os quais sempre se atritaram.

5. Amilcar Botelho de Magalhães — *Impressões da Comissão Rondon*, São Paulo, 1929, p. 258.

6. Karl von den Seteinen — "Entre os aborigines do Brasil Central", in *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, LVX, 169. Alfredo Trombetti — *La lingua dei Bororos-Caimudoge seconde materiali publicati della Missioni Salesiane*, Torino, Itália, 1926, p. 59. Chestemir Loukotka — "Línguas Indígenas do Brasil", in *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, 1939, LIV, 153. Max Schmidt. — "Los Bororos e Umotinas en Mato Grosso", in *Revista de la Sociedad Científica del Paraguai*, Assunción 1941, V, n.º 4, 31-50. Carlos Drumont. — *Contribuição dos Bororos à Toponimia Brasílica*, pub. n.º 1 do Instituto de Estudos Etnográficos da Universidade de São Paulo, 1965, p. 118.

7. G. Créqui-Monfort — "Le Groupe Otuke", in *Journal de la Societé des Americanistes de Paris*, 1912, IX, 317-37. Paul Rivet — "Linguistique bolivienne. Les afinités des dialects Otuke", in *Journal de la Societé des Americanistes*, 1913, X, 369-77.

8. Angelo Jaime Venturelli-César Albisetti — *Enciclopédia Bororo*, Vol. I. Pub. n.º 1 do Museu Regional Dom Bosco. Campo Grande, Mato Grosso, 1962, p. 4.

9. *Boe-Moto*, terra dos *boe*, isto é, dos índios bororos.

10. Antônio Tonelli — "La provenienza degli indi bororo orientali del Mato Grosso". Extrato da *Ata* do V Congresso Geográfico da Itália, reunido em Milão no ano de 1927.

11. *Bacarue*, plural de *bacáru*, lendas, histórias, fábulas, apólogos.

12. *Marigudorueúgue*, os antigos, os avós, os ancestrais ou avoengos.

13. *Pogubo-Xeréu*, mesmo que *Pogubo-Xoréu*, "grande rio Vermelho", nome bororo do rio São Lourenço.

14. César Albisetti-Angelo Jaime Venturelli — *Enciclopédia*, Vol. I, p. 283.

15. Karl von den Steinen — "Entre os Aborígines do Brasil Central", op. cit., 1939, LXII.

16. *Barae*, brancos, civilizados.

17. Antônio Colbachini — "Catequese dos índios bororos nos sertões de Mato Grosso", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico* de São Paulo, 1942, XI, pp. 278-294. Colbachini-Albisetti — *Os Bororos orientais orárimogodoge do Planalto Oriental de Mato Grosso*, São Paulo, 1942, p. 177.

18. *Móri*, revide, compensação, vingança pela morte de alguém.

19. Herbert Baldus — *Ensaios de Etnologia Brasileira*, São Paulo, 1937, p. 146. Colbachini-Albisetti — *Os Bororos Orientais Orarimogodoge* — São Paulo, 1942, p. 177.

20. *Tabaegue*, plural de *tabae*, negros, africanos.

21. *Barae-imegera*, chefe branco.

22. Carvalho de Sá — "O Grande bandeirante Antônio Pires de Campo", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, 1946, VI, pp. 92-6.

23. Francis Castelneau — *Expedição às Regiões Centrais da América do Sul*, São Paulo, 1949, tomo II, p. 27.

24. Augusto de Saint-Hilaire — *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás*, 1944, p. 246.

25. Karl von den Steinen — "Entre os aborígines do Brasil", op. cit., 1933, p. 403.

26. *Apaié(s)*, um dos nomes pelos quais são conhecidos os Xavantes.

27. *Oraribo*, nome que na língua dos bororos se dá ao rio do Peixe Pintado ou dos Piaus.

28. Roquette-Pinto — *Rondônia*, São Paulo, 1938, p. 204.

29. *Imedugue*, plural de *imédu*, homens, varões.

30. *Aredugue*, plural de *arédu*, mulher, fêmea.

31. *Boe-mugue*, plural de *boe-muga*, tabas, aldeias, povoações indígenas.

32. *Pobore-Boróro(s)*, pouso, pousada, assentamento, acampamento provisório.

33. Rodolfo Waehneldt — "Exploração da Província de Mato Grosso", in *Revista do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil*, 1862, XXVII, 5.ª parte, pp. 193-229. Júlio Koslowski — "Algunos dados sobre los indios bororos", in *Revista del Museo de la Plata*, La Plata, Argentina, 1895, VI, pp. 375-411.

34. *Baa-gudo*, plural de *baa*, aldeias, tabas, casario, mais ou menos o mesmo que *boe-emugue*.

35. Frederico Augusto Rondon — *Na Rondônia Ocidental*, 1938, p. 254. "No alto São Lourenço", in *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*, 1965, 2.º semestre, XXXVIII, pp. 51-84.

Composto e impresso no Serviço Gráfico
da Fundação IBGE. — Lucas GB — 1 905

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO
(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM